



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Alberto Luis Cordeiro de Farias

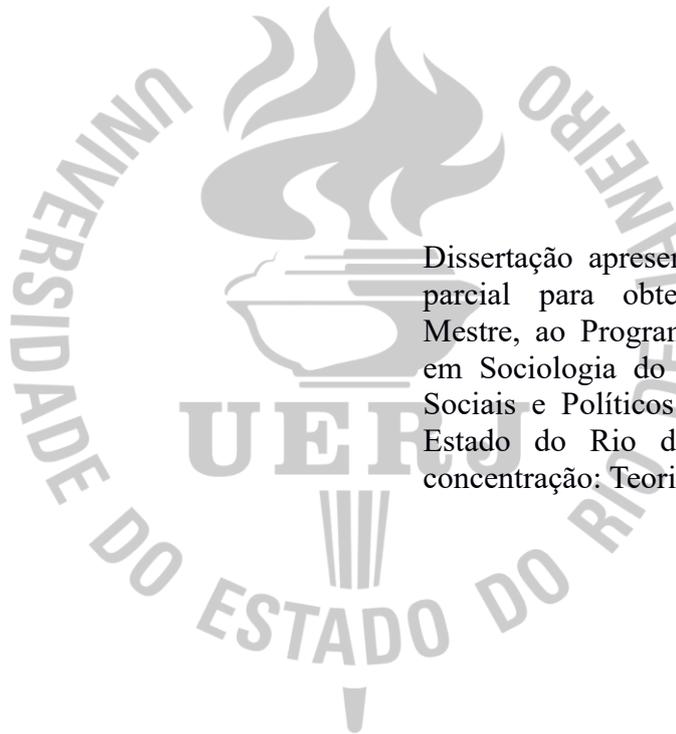
**O desocultamento/ocultamento da imaginação: ontologia do ser social,
antropologia filosófica e sociologia em Cornelius Castoriadis**

Rio de Janeiro

2017

Alberto Luis Cordeiro de Farias

**O desocultamento/ocultamento da imaginação: ontologia do ser social, antropologia
filosófica e sociologia em Cornelius Castoriadis**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria Social.

Orientador: Prof. Dr. Frédéric Vandenberghe

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/D - IESP

F224 Farias, Alberto Luis Cordeiro de.
O desocultamento/ocultamento da imaginação: ontologia do ser social, antropologia filosófica e sociologia em Cornelius Castoriadis / Alberto Luis Cordeiro de Farias. – 2017.
75f.

Orientador: Frédéric Vandenberghe.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos.

1. Sociologia – Teses. 2. História - Filosofia - Teses. 4. Castoriadis, Cornelius, 1922-1997 - Teses. I. Vandenberghe, Frédéric. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Sociais e Políticos. III. Título.

CDU 301

Rosalina Barros CRB-7 / 4204 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alberto Luis Cordeiro de Farias

**O desocultamento/ocultamento da imaginação: Ontologia do ser social, antropologia
filosófica e sociologia em Cornelius Castoriadis**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Teoria Social.

Aprovado em 25 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Frédéric Vandenberghe (Orientador)

Instituto de Estudos Sociais e Políticos – UERJ

Prof. Dr. José Eduardo Leon Szwako

Instituto de Estudos Sociais e Políticos – UERJ

Prof. Dr. Antonio da Silveira Brasil Junior

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pela bolsa de estudos e auxílio financeiro que possibilitou a dedicação integral ao programa de pós-graduação e a dedicação exclusiva à pesquisa ora apresentada.

RESUMO

FARIAS, Alberto Luis Cordeiro de. *O desocultamento/ocultamento da imaginação: ontologia do ser social, antropologia filosófica e sociologia em Cornelius Castoriadis*. 75f. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

A pesquisa tem por objetivo, em um primeiro momento, pensar elementos para uma ontologia do ser social e para uma antropologia filosófica à partir da ontologia da imaginação e da teoria do imaginário de Cornelius Castoriadis. Em um momento subsequente, foi feito um exercício de leitura cruzada: uma leitura sociológica de Castoriadis e uma leitura castoriadiana de alguns postulados teóricos e metateóricos da sociologia. Nesse ínterim, foi realizado um excursão sobre as relações entre sociologia e imaginação trabalhando com a hipótese de que esta pode ser uma profícua chave de (re)leitura da tradição sociológica e de pensamento social. A hipótese aqui aventada é a de que a imaginação como categoria filosófica e como noção sociológica teve na sociologia um destino similar ao da tradição herdada (a tradição de pensamento ocidental), isto é, passou por sucessivos processos de ocultamento. O que, por outro lado, contrasta com a proficuidade potencial do conceito em campos diversos da reflexão, inclusive, acredita-se, para as teorias social e sociológica.

Palavras-chave: Cornelius Castoriadis. Teoria sociológica. Ontologia do ser social. Antropologia filosófica. Imaginação.

ABSTRACT

FARIAS, Alberto Luis Cordeiro de. *The unveiling/concealment of the imagination: ontology of the social being, philosophical anthropology and sociology in Cornelius Castoriadis*. 75f. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The aim of this research is to think about elements for an ontology of social being and for a philosophical anthropology based on the ontology of imagination and of the imaginary theory of Cornelius Castoriadis. In a subsequent moment, a cross-reading exercise was carried out: a sociological reading of Castoriadis and a Castorian interpretation of some theoretical and metatheoretical postulates of sociology. In the meantime, an examination was made on the relations between sociology and imagination working with the hypothesis that this can be a useful key to (re)reading the sociological tradition and social thought. The hypothesis proposed here is that imagination as a philosophical category and as a sociological notion had in sociology a fate similar to that of the inherited tradition (the tradition of Western thought), that is, it underwent successive processes of concealment. What, on the other hand, contrasts with the potential proficuity of the concept in diverse fields of reflection, including, it is believed, for social and sociological theories.

Keywords: Cornelius Castoriadis. Sociological Theory. Ontology of the Social Being. Philosophical Anthropology. Imagination.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	ESBOÇOS DE UMA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL E DE UMA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA A PARTIR DE C. CASTORIADIS.....	16
1.1	Antropologia filosófica, ontologia e teoria social.....	17
1.2	Nas encruzilhadas do labirinto do social-histórico.....	21
1.3	A reabilitação da ontologia.....	23
1.4	No princípio era... o caos (<i>chaos</i>).....	25
1.5	O ocultamento/desocultamento da imaginação: itinerários na filosofia e na Psicanálise.....	27
1.6	O imaginário social instituinte.....	34
1.7	Da ontologia do ser social à antropologia filosófica: <i>homo imaginans?</i>	37
2	UM EXCURSO SOBRE SOCIOLOGIA E IMAGINAÇÃO.....	44
2.1	Entre a filosofia, a literatura e a ciência.....	44
2.2	Marx e a ontologia da criação.....	49
2.3	Simmel: elementos para uma “sociologia da imaginação”.....	51
3	CASTORIADIS E A SOCIOLOGIA.....	59
3.1	O social como cosmos de sentido.....	59
3.2	Para além da oposição agência x estrutura: a síntese castoriadiana.	65
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
	REFERÊNCIAS.....	72

INTRODUÇÃO

Qualquer que seja o modo racional ou experimental de descobrir os fatos, sempre, de sua conformidade, direta ou indireta, com os fenômenos observados resulta exclusivamente sua eficácia científica. A pura imaginação perde então de modo irrevogável sua antiga supremacia mental e se subordina necessariamente a observação, para constituir um estado lógico plenamente normal.

August Comte, Discours preliminaire, sur l'sprit positif

Valeria a pena escrever uma história da phantasía, que é o verdadeiro objeto dos vetos positivistas. No século XVIII, em Saint-Simon conforme o Discurso preliminar de D'Alembert, ela é considerada, juntamente com a arte, um trabalho produtivo, ou que participa da idéia de liberação das forças produtivas; somente Comte, para quem a sociologia assume uma orientação apologético-estática, é, enquanto inimigo da metafísica, também inimigo da phantasía. Seu descrédito ou banimento em um setor particular (conforme o principio da divisão do trabalho), é um fenômeno típico da regressão do espírito burguês, que todavia não deve ser considerado como seu erro evitável, mas como algo que acontece no signo de uma fatalidade, que une a razão instrumental de que a sociedade tem necessidade com aquele tabu. Que a phantasía seja mais tolerada em forma reificada, como

abstratamente contraposta à realidade, é um fato que pesa sobre a arte não menos que sobre a ciência; a arte que merece este nome busca desesperadamente cancelar essa hipoteca.

Adorno, Introdução à Dialética e o positivismo em sociologia

“O espírito está certo de se reencontrar a si próprio no mundo, de que o mundo se deve harmonizar com ele, e que, tal como Adão diz a Eva que é a carne da sua carne, a razão que ele deve buscar no mundo não é mais do que a sua própria razão [...] O que é real é racional, o que é racional é real”. A passagem hegeliana da *Fenomenologia do Espírito* pode ser lida como sendo duplamente a síntese da sua filosofia da história fundada na teleologia transcendente do espírito absoluto ou como uma propedêutica metodológica à uma história como historiografia da filosofia. Nesse segundo sentido é possível dizer que quase toda a filosofia ocidental foi hegeliana pois não há história da filosofia que não articule constituição histórica do pensamento filosófico e razão, de tal forma que a história do pensamento ocidental confunde-se com uma história da razão. Essa falsa imagem ou sensação de totalidade da História Universal (Ocidental) não apenas oculta a ruína da História vivida (BENJAMIN, 1987, p. 222-232) como também escamoteia no nível do pensamento outras formas de apreensão do real. A passagem de Adorno que serve de epígrafe ao presente texto é, nesse sentido, reveladora de um desses processos e de seu desvelamento: o de desocultamento e ocultamento da *phantasia*, a que o autor associa aos “vetos positivistas” e, poderíamos acrescentar, de uma certa razão.

Por que o próprio Adorno não se lançou à empreitada cuja relevância nos parece indiscutível, é um debate à parte. Não se pode desconsiderar, contudo, as dificuldades que se colocam de pronto aquele que se propuser a tal: o próprio objeto e o método do estudo. *Phantasia* na terminologia grega, *imaginatio* para os latinos, constitui uma barreira filológica para quem quer que se acerque do tema cujas consequências mais imediatas são por um lado a dificuldade em identificar neles um objeto, sem o qual não há ciência; e por outro lado a determinação de um método com o qual abordá-lo ou em cujo horizonte pudéssemos situar uma sua pré-compreensão (KAMPER, 2000, p. 01-05). Com efeito, até mesmo a própria

filosofia em cujo escopo sempre coube tudo o que diz respeito ao homem não conseguiu, dos gregos aos modernos, *adequar (homoiosis)* a imaginação como objeto de reflexão filosófica no mais das vezes expulsando-a das suas preocupações sistemáticas e/ou assentando-a marginalmente no interior de sistemas filosóficos (CASTORIADIS, 1987, p. 347-383).

Essa condição da *phantasia* no pensamento ocidental tomado de maneira ampla, aí portanto incluídos os seus desenvolvimentos modernos – as Humanidades e as Ciências Sociais particulares – contrasta com as profícuas consequências que sua consideração implica em campos e níveis diversos da reflexão filosófica, antropológica, psicanalítica, sociológica, histórica. *Pari passu* a dialética do desvelamento/ocultamento da *phantasia* a cada vez que veio à tona suscitou questões de tamanha amplitude que reverberou no caso dos pensamentos Aristotélico e Kantiano sobre a totalidade dos seus sistemas operando como uma espécie de pedra-de-toque a partir da qual todo um edifício filosófico poderia ruir (CASTORIADIS, 1987, p. 360). Em grande parte informado pelo pensamento filosófico do qual extrai seus fundamentos metateóricos (VANDENBERGHE, 2012, p. 11-37), e do qual em determinado momento da história do pensamento ocidental autonomizou-se num processo conhecido como decorrência da complexificação do mundo social e político e da “modernização dos sentidos” (GUMBRECHT, 1998, p. 13), as ciências sociais são herdeiras e laboriosas continuadoras por outros meios do projeto intelectual assentado na lógica conjuntista-identitária e em uma ontologia já milenar. Com efeito, comparte com o discurso filosófico da modernidade o alheamento à *phantasia* como tema/objeto de reflexão.

Nesse contexto, a obra de Cornelius Castoriadis é, duplamente, um marco de referência e um atalho. Pode-se mesmo dizer que distingue-se pela apropriação e incorporação - renovada em seus termos – do tema da *phantasia/imaginatio*. É a consideração da psiquê da imaginação e da sua configuração coletiva ou histórico-social, o imaginário, que o obriga a criar uma linguagem conceitual e categorial muito específica na qual reside grande parte das dificuldades em adentrar seu pensamento, mas que é imperativa pois se trata de nomear o novo. Constitui também um atalho para abordar o tema da imaginação, pois a constrói como um objeto e fornece um instrumental analítico compatível e operacionalizável. Traduz um conceito obscuro desde a sua origem abrindo o seu campo semântico para uma percepção mais contemporânea dos fenômenos a que se refere a *phantasia*, lembrando-nos com isso que o conceito não é o nome. Procede pois a uma dessubstancialização ao reformular o modelo e o quadro categorial que tradicionalmente incluía a *phantasia* nos limites de uma “doutrina das faculdades”, e oferece a ela uma nova fundamentação apoiada no histórico-social

(LAPOUJADE, 1988, p. 88). Com isso, parece apontar para uma solução do “problema” do objeto acima referido e por extensão do(s) método(s) possível(is) de abordagem.

Abrindo-se para a multiplicidade, informando inclusive tendências contemporâneas de uma epistemologia das contingências, essa obra ainda pode ser considerada pouco explorada em algumas das suas implicações para campos e temas específicos do conhecimento que não a filosofia e a psicanálise, em particular o campo das ciências sociais e o tema da imaginação. *Indisciplinado* por formação, Castoriadis esteve nas fronteiras de vários campos do conhecimento, mas esteve a partir de determinado momento da sua vida tendo como referência os temas da imaginação e do imaginário. Sua obra é uma crítica do pensamento ocidental – isto é, um trabalho sobre esse pensamento, no qual incide para criar o novo - dos gregos (Platão) até os nossos dias. Parte de questões filosóficas (talvez de uma antropologia filosófica) que podem ser identificadas centralmente como sendo o questionamento acerca do estatuto ontológico da imaginação e o imaginário radical constituinte – para daí abrir-se para problemas e questões de ordem diversa: psicanálise, história, política, filosofia da ciência, sociologia, etc.

Sobretudo, o questionamento acerca da imaginação e o imaginário radical suscitam a reflexão sobre o histórico-social, a psique e a instituição; questões que remetem-nos a problemas fundamentais da teoria social e da teoria sociológica, campos unificados por questões comuns a todos que se acercam do “social”: o que é o histórico-social, o que é a sociedade e como ela funciona/opera, o que a mantém unida? A partir não somente das respostas que oferece a essas questões, mas do modo como as formula e do caminho intelectual que percorre para aclarar seus pontos de vista, o pensamento de Castoriadis – essa ontologia da imaginação e essa teoria do imaginário radical – implicam um reordenamento das bases ontológicas e epistemológicas da teoria social com repercussões importantes sobre as categorias, conceitos e enunciados gerais (GUSMÃO, 2012, p. 240) das teorias social e sociológica.

Sendo reconhecido sobretudo como filósofo, Castoriadis aborda os temas da imaginação e do imaginário de uma maneira inteiramente nova principalmente porque rompe com a forma de abordagem epistemológica que caracterizou a relação problemática da filosofia com ambas. Essa abordagem é particularmente marcada pela influência da psicanálise de Sigmund Freud, mas também pela filosofia aristotélica e pela fenomenologia. Seu empreendimento intelectual como um todo tem sido interpretado como uma abordagem filosófico-psicanalítica do homem e da sociedade. Acredito que se trata também de uma

antropologia filosófica. É certo que todo e qualquer empreendimento dessa natureza tornou-se no mínimo questionável após o movimento pós-estruturalista com sua denúncia do eurocentrismo epistemológico e seu esforço de descentralização do sujeito. Por outro lado, uma sempre renovada e crescente resistência a abertura das fronteiras disciplinares da sociologia, para alguns de fato já tão comprometida em seu estatuto como ciência particular - atacada por todos os flancos desde a sua origem por filósofos, historiadores e literatos – torna o empreendimento ainda mais questionável. Como tentarei justificar mais detidamente no devido momento, argumento que o projeto de uma antropologia filosófica não aspeada ainda faz sentido; não enquanto busca de uma essência definidora do homem, de uma natureza humana imutável, mas como um questionamento permanente acerca de quem somos com objetivos mais integradores que aqueles comumente alimentados pelas ciências sociais particulares. Coloca-se assim a possibilidade de uma compreensão mais integral do homem, da sua particularidade na diversidade e da sua diversidade na particularidade (HONNETH; JOAS, 1988, p. 59).

As repercussões da antropologia filosófica de Castoriadis para a teoria social e para a teoria sociológica, como procurarei indicar na pesquisa, podem ser relevantes. A empresa assume importância diante da atestada necessidade de renovação conceitual e teórica da sociologia para dar conta das questões colocadas pela atualidade, questões de ordem teórica e empírica. Dentre essas questões, uma “sociologia da imaginação”. Fui levado ao tema por um percurso intelectual que teve início ainda na graduação com questões teóricas e empíricas, e a busca sem sucesso por equivalentes na literatura sociológica de cariz teórico. As preocupações teóricas derivaram do estudo da obra de Georg Simmel e Siegfried Kracauer, suas reflexões sobre a metrópole e as *phantasmatas* da vida moderna. A preocupação empírica original foram os fenômenos comerciais de uma literatura voltada para o *fantástico*, a literatura *fantasy* (um significado contemporâneo e mais restrito que *phantasia*, o de um gênero literário) e a *science fiction*; enquanto a primeira olha para trás, a segunda olha para frente, para o futuro, distópico ou não. Essa indústria alcançou repercussão mundial com a venda de best-sellers como *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter*, até ser financiada pelo capital cinematográfico cujo ápice são as produções milionárias de séries e seriados como *Game of Thrones* e *The Walking Dead*. Embora não sejam gêneros inteiramente novos, é um dado empírico o seu reforço na atualidade e a demanda por eles. Trata-se, a meu ver, de um fenômeno recente de alcance global e que pode ser relevante para uma sociologia da *cultura*. O empreendimento torna-se dificultoso pela inexistência de uma “sociologia da imaginação”

que fornecesse um instrumental capaz de ajudar a pensar tais fenômenos não apenas em seus aspectos externos (relação com a economia, com gostos de classe, com a indústria cultural, etc) mas internos (gênese, sentido de época). Castoriadis oferece uma opção de quadro geral interpretativo para olharmos esses fenômenos, por exemplo, a noção de crise do imaginário e da imaginação contemporâneas que abre possibilidade até mesmo para pensar as produções intelectuais dentro de determinado campo, questões como o esgotamento criativo em uma perspectiva da filosofia das ciências.

Já se vão mais de trinta anos desde a última onda de inovação integradora da teoria sociológica quando, nos anos 80, figuras como Jürgen Habermas, Niklas Luhman, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens e Jeffrey Alexander, só para citar alguns, encabeçaram um movimento teórico que logo depois esgotou-se dando lugar a esforços individuais e localizados, mas ainda pouco integrados, de busca de alternativas teóricas e epistêmicas na sociologia. O *resgate* da obra de Castoriadis, pode ser entendido como um esforço nesse sentido ao qual se soma o de pensar as contribuições de um autor ademais marginal/marginalizado e cuja recepção pelas teorias social e sociológica ainda está para ser reconstituída. Dada a complexidade do projeto exige-se o incontornável esforço coletivo que vem sendo feito a crer no crescente número de publicações de pesquisas sobre Castoriadis mas ainda mais que mobilizam suas teorias e conceitos. Acredito, contudo, que uma compreensão das teorias social e sociológica *desde* os pressupostos teóricos e conceituais castoriadianos e sua aplicação a tópicos fundamentais da sociologia, podem ser bem mais interessante no esforço de pensar e fazer avançar o debate sobre as bases ontológicas, epistemológicas e metodológicas de ambas teorias.

São muitas as possíveis “entradas”. Pensemos por exemplo numa problemática específica da sociologia teórica que é a vinculação geralmente precária do nível simbólico ou das representações com a ação social, questão recorrente na sociologia pelo menos desde Durkheim e sempre renovada e que tem rebatimentos nas teorias da mudança social. Trata-se por um lado, da questão da autonomia criativa da ação/agência dos sujeitos/indivíduos envolvidos na teia de relações sociais cotidianas; e por outro lado, da possibilidade da mudança a partir de um contexto marcadamente reiterativo segundo teorias da ação mais tradicionais. É possível pensar uma conexão como essa a partir de Castoriadis e sua antropologia filosófica fundada na ontologia da imaginação, no imaginário radical e na teoria do imaginário como produto coletivo, o que significaria portanto dois movimentos simultâneos: pensar a ação social no nível micro-social como criação, e pensar a sua conexão

com o nível coletivo, macro-social, ou dimensão do imaginário; nesse último caso, as repercussões para se pensar a mudança social também estariam incluídas.

Ainda sobre a ação social, é sabido que a reflexão teórica em sociologia sobre esse tópico tem uma longa história atrás de si que ainda não se encerrou, mas algumas questões que lhe são pertinentes ainda tem relevância e constituem de certa forma um limite sempre renovado para uma teoria da ação social. Uma delas é a possibilidade de uma teoria não teleológica da ação: é possível pensar a ação de uma maneira não-teleológica? Isso evidentemente nos leva para o terreno da filosofia das ciências sociais onde se pode pensar o tema da causalidade. A possibilidade de uma teoria não-teleológica da ação que dê conta da contingência envolvida nas interações sociais nos conduz pela mão a uma outra questão igualmente cara à sociologia: a questão da inovação, da criação, ou da criatividade, termo pelo qual frequentemente tem sido traduzida a problemática da *phantasia/imaginatio* nas ciências sociais. Mesmo o conceito de *habitus* que se abre em um nível para a criação não sendo apenas reprodução não responde totalmente a questão da criação: tudo o que faz é mostrar que, em uma situação de ascensão social, por exemplo, as respostas dadas por um indivíduo seguirão um velho padrão, mas não explica de onde saem as novas respostas, porque são essas e não outras, enfim, em quê e onde reside a capacidade inventiva dos indivíduos.

Mas o tema da criatividade, da criação, nos leva a pensar a autonomia dos sujeitos, sem a qual não há “inventividade”. Mas como pensar a autonomia se ela a princípio foge a uma relação de causalidade? É claro que, por razões de espaço e tempo, as questões levantadas não poderão ser aqui tratadas nem mesmo superficialmente, mas as cito e hierarquizo com o intuito, por um lado, de mostrar *praticamente* a partir de um tópico específico e de fundamental importância da teoria sociológica, como a perspectiva castoriadiana pode ser profícua; e por outro lado, para apontar uma agenda de pesquisa para o futuro.

Aqui, os objetivos propostos são, por razões de espaço e tempo, mais modestos embora não menos importantes. Me interessa primeiro acercar-me do pensamento de Castoriadis e desenvolvê-lo em uma ou mais direções que torne viáveis o diálogo mais próximo com a sociologia. As direções escolhidas foram a da *ontologia do ser social* e da *antropologia filosófica*. Em ambos os casos, é possível (re)pensar postulados teóricos e metateóricos da sociologia, como os ontológicos (“a realidade é constituída por”) e metodológicos (“como acessar a realidade”). Bem como, no nível da teoria, algumas oposições clássicas como a entre agência e estrutura: há em Castoriadis uma *autonomia*

ontológica relativa da subjetividade, que é uma síntese peculiar entre agência e estrutura. Sistematizarei aqui essa síntese, explicitando seus mecanismos fundamentais, o que futuramente ajudará a pensar especificamente as repercussões dessa síntese castoriadiana para a teoria da ação. Castoriadis chamou a atenção, mais que qualquer outro, sobre a dimensão criativa dos indivíduos e das sociedades humanas, suas capacidades de criação de um *eidos* que traz a existência regras, normas, figuras do pensável. Ao mesmo tempo em que foi crítico acerbo da ideia de um sujeito cognoscente omnipresente e onnisciente, questionando a sua reflexividade absoluta (CASTORIADIS, 1887, p. 7-25). Isso significa pensar a ação social não apenas como *telos* mas também como *poiésis*.

Desenvolverei em um primeiro momento, então, a justificativa e os fundamentos dessa ontologia do ser social e dessa antropologia filosófica que tem como centro as noções de imaginação e imaginário: uma exposição do pensamento de Castoriadis tendo como eixo a defesa de uma “antropologia filosófica” que é ao mesmo tempo uma proposta de leitura da sua obra. O farei tocando, sempre possível, em possíveis relações entre essa antropologia filosófica e alguns aspectos da teoria social e da teoria sociológica nos seus fundamentos ontológico e epistemológico.

Em outro momento, darei um passo maior em direção à sociologia. Cabe aqui uma *revisão*, um olhar retrospectivo sobre a *história sociológica* da sociologia tendo como eixo os temas da *phantasia/imaginatio* em sua tradução especificamente sociológica, a criatividade, com o fito de acompanhar seus desenvolvimentos mais significativos entre os clássicos e o interdito contemporâneo em um voo que, pela natureza do presente trabalho – uma dissertação e o tempo que foi estabelecido para sua conclusão – deverá ser necessariamente sumário. Mas que tem por objetivo mapear o tema entre os clássicos – Marx e Simmel, fundamentalmente - e começar a preparar algo como uma história do conceito de *phantasia/imaginatio* que deverá ser desenvolvida em outro momento e espaço acadêmico (doutorado), tendo como referência a metodologia da *Begreifsgeschichte* (história dos conceitos) desenvolvida por Reinhardt Koselleck. Por outro lado, refletir sobre o desenvolvimento histórico da sociologia tendo como eixo o tema proposto é uma entrada para inserir a leitura Castoriadiana da evolução das ciências sociais particulares. A hipótese subjacente é de que entre os clássicos e os primeiros contemporâneos houve uma mudança na relação da sociologia com a imaginação, uma ruptura, em relação a qual o livro de C. Wright Mills – *A imaginação sociológica* – pode ser considerado um “aviso de incêndio”. É preciso analisar de perto as causas da mudança ou ruptura e a sua extensão.

Em Castoriadis, com outros termos mas pensando questões semelhantes, a ontologia assume uma dimensão central justamente em um contexto em que ela era renegada por sua vinculação ou identidade, nos termos da filosofia, a uma metafísica. Trazê-lo para a teoria social e para a sociologia significa ao mesmo tempo recolocar na mesa as relações entre ontologia e sociologia e a partir delas implicações epistemológicas e metodológicas que aturdam os sociólogos desde os clássicos. Mas repô-la servirá para alcançar a reflexão castoriadiana sobre o ser social e daí a sua formulação idiossincrática entre agência e estrutura.

Por fim, na terceira parte, após expor o pensamento de Castoriadis, discutir e “ler” o desenvolvimento da sociologia pelo viés da imaginação em suas traduções filosófica e especificamente sociológica – a criatividade – darei um primeiro passo nas elaborações sobre Castoriadis e a sociologia. A ideia é “sociologizar” alguns aspectos do pensamento de Castoriadis e em contrapartida esboçar uma leitura castoriadiana de alguns pressupostos e postulados da teoria sociológica. Concluo com algumas considerações finais que constituem uma exposição mais sistemática da “agenda” de pesquisa referida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se fez nos capítulos precedentes foi avançar minimamente numa aproximação crítica entre Castoriadis e a sociologia. Devido a limitações insistentemente explicitadas ao longo do texto, até mesmo esse objetivo modesto foi apenas parcialmente alcançado.

Como desdobramento da pesquisa empreendida durante o mestrado, vislumbro na continuidade um projeto que, partindo da reconstituição das duas dimensões do pensamento de Castoriadis aqui aproximadas e de um terceiro que é a crítica da cultura, pretendo pensar a possibilidade de uma ontologia do presente como constituindo o fundamental do seu projeto de elucidação do mundo, o *leitmotiv* de sua atividade teórica. Ontologia do presente: um diagnóstico do presente que no caso específico é uma interpretação das metamorfoses da psiquê contemporânea e das novas formas do histórico-social. À questão fundamental de como aquelas três dimensões se articulam na obra de Castoriadis para configurar uma ontologia do presente, ligam-se outras fundamentalmente relacionadas à natureza da teoria crítica que dela se pode depreender e das consequências da sua consideração para as teorias social e sociológica: isto é, da fundamentação de uma “segunda” teoria crítica especificamente francesa e a repercussão para tópicos incontornáveis da reflexão teórica em sociologia (tais como: ação social, mudança social e oposições clássicas) e teoria social (a partir de seus pressupostos e postulados: ontologia, epistemologia e metodologia das ciências sociais). Suas bases seriam os diagnósticos da crise da imaginação e do imaginário contemporâneos, por um lado, e do recrudescimento da predeterminação e da heteronomia por outro. Configurando um arco teórico que passa pela psicanálise, pela antropologia filosófica, pela ontologia do ser social e pela teoria social, mas que tem como preocupação central a cultura entendida como o domínio do imaginário em sentido estrito, o domínio poético, o que em uma sociedade está além do funcional, do puramente instrumental. A ideia é avançar a possibilidade de pensar uma crítica da cultura cujas relações com as matrizes clássicas da sociologia da cultura (Mannheim, Parsons, Bourdieu) podem ser profícuas em desenvolvimentos futuros e estão para ser estabelecidas.

A crítica da cultura referida guarda relação com as duas outras dimensões, a ontologia do ser social e a antropologia filosófica, pela via das noções de imaginação e de imaginário, ou simplesmente imaginário radical. Consiste na caracterização de uma crise da

imaginação e do imaginário que tem repercussões de longo alcance para os processos sociais em geral, inclusive aqueles com os quais a reflexão sociológica está implicada: a mudança social, a ação social, as instituições sociais, a política, etc.

Há ainda na obra de Castoriadis uma preocupação com o presente que assume não raras vezes a forma do compromisso ético-político com ideais emancipatórios. Essa preocupação com o presente, que é também uma das aberturas para pensarmos uma ontologia do presente em Castoriadis, tem significação para uma sociologia que quer fazer-se relevante para o seu próprio tempo, crítica do tempo presente, e não simplesmente mimetizar a coruja de minerva que só levanta voo ao entardecer. Aqui reside outro ponto importante da obra de Castoriadis em sua relação com a sociologia: a renovação da teoria crítica. Caillé diz algo próximo o em *Anti-utilitarisme et paradigme du don, por quoi faire?* acrescentando ao legado castoriadiano o do seu contemporâneo, Claude Lefort. O intuito é, futuramente, pensar uma segunda teoria crítica, de linhagem francesa, com rasgos antideterministas²⁴, crítico da dominação e da heteronomia. Nesse sentido, a principal diferença entre ambas as teorias críticas, alemã e francesa, seria a crítica ao determinismo ontológico que subjaz ao pensamento crítico, marxista ou não, e que encontra em Castoriadis seu principal fomentador. As proximidades ou continuidades também são mais ou menos evidentes, como a persistência da perspectiva da emancipação no momento da análise, o compromisso com o diagnóstico do tempo presente, o estabelecimento de tendências do desenvolvimento histórico. As relações entre ambos os projetos de teoria crítica é outro aspecto a ser desenvolvido na pesquisa, sendo muito recentes e incipientes – sobretudo com Caillé – os esforços de sistematizá-la.

À questão central sobre se há uma ontologia do presente na obra de Castoriadis, respondo com a hipótese de que essa deve ser buscada na articulação entre a sua ontologia do ser social (o ser social possui como determinação fundamental o imaginário radical), sua antropologia filosófica (o *anthropos* se define por uma psiquê desfuncionalizada) e sua crítica da cultura (crise da imaginação e do imaginário contemporâneos). Ainda mais: de que forma a obra de Castoriadis contribui para uma ontologia do presente sem recorrer a determinismos, como aos que frequentemente foram/são levados aqueles se acercam do social-histórico? Por extensão: como passar de uma ontologia do presente hiperdeterminística para outra mais

²⁴ Como sair da determinação? Essa problemática pós-estruturalista foi também uma questão perseguida por Castoriadis e Lefort. De certa forma, a obra de Castoriadis – como fica explícito na sua crítica a Marx e ao Marxismo Revolucionário na primeira parte de *A Instituição imaginária da sociedade* – pode ser lida nos marcos do antideterminismo.

fluida, dilema que na teoria social está sintetizada na oposição Marx versus Weber? E no nível metodológico: como é possível fazer uma análise axiológica do presente?

Cabe indagar quais são os mecanismos mais profundos que fizeram com que essa condição se estabelecesse. Como corolário, a questão que se coloca de imediato é: quais as consequências dessas mudanças para o ser social, para o *anthropos* e para a cultura? A resposta parece ir no sentido de que as sociedades contemporâneas caminham para uma crise em todos os níveis, bem como se configura uma crise da psiquê dos sujeitos. Mas, se isso é verdade, o que faz com que essas sociedades persistam? Penso aqui especificamente na problemática da sociologia teórica citada na introdução - e apontada naquele momento como agenda para o futuro - que é a vinculação do nível simbólico ou das representações com a ação social mas que ativa também o debate sobre a ordem e a mudança sociais. Como pensar a ação, a ordem e a mudança sociais a partir do diagnóstico Castoriadiano da crise da imaginação e do imaginário contemporâneos se por um lado constata-se o atrofiamento do imaginário radical (imaginação radical da psiquê e imaginário social instituinte)? E por outro lado, mais uma vez, como as sociedades persistem, continuam a funcionar e a se reproduzir? Por extensão: como conceber o problema da criação na história e da história, na sociedade e das sociedades, no contexto de esvaziamento das significações imaginárias sociais? E ainda: como deve ser o *anthropos* para o qual e no qual a capacidade criativa esgotou-se? Em suma, quais são as determinações fundamentais dos modos de ser histórico-social e psíquico nesse novo contexto?

A caracterização da época contemporânea por Castoriadis é importante também porque é o ponto a partir do qual ele formula uma *crítica da cultura* contemporânea. Acredito que a sua caracterização e interpretação do capitalismo moderno em sua dimensão econômica leva-o a constatação - algumas vezes alcançada por outras vias por marxistas ocidentais - do papel essencial da cultura em sua operação e da crítica da cultura em seu desvelamento. Uma *crítica da cultura* cujas matrizes estão para ser reconstituídas mas que pela sua configuração - uma confluência da psicanálise, da história, filosofia social e crítica da economia política marcada pelo Livro I de O capital - parece abrir outro caminho para a crítica da cultura cujas relações com as matrizes tradicionais da virada cultural na antropologia (Durkheim, Mauss, Levi-Strauss) e na sociologia (Mannheim, Parsons, Bourdieu) deverão ser estabelecidas. Já em fins dos anos 50, é possível identificar nessa crítica da cultura uma antecipação de conteúdos veiculados posteriormente pela Internacional Situacionista, por exemplo. Mas que, como no caso da atenção dada a vida cotidiana no capitalismo moderno, parece ter vínculos

com as elaborações de Lefebvre. Por outro lado, Castoriadis conheceu e fez referências a obra de Christopher Lasch, um crítico da cultura sob o capitalismo americano. Trata-se pois de problema específico a ser desenvolvido.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução e revisão de Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

ARCHER, Margaret S. Explicação e compreensão podem ser ligadas numa história única? In.: *Além do habitus: teoria social pós-bourdiesiana*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2016. p.73-94.

ALBERA, François. A abolição do campo artístico. In.: *Eisenstein e o construtivismo russo*. São Paulo, Cosacnaify, 2002.

ARISTÓTELES. *Obras*. Tradução del griego Francisco de P. Samaranch. Madrid: Aguilar, 1982. (Colección Grandes Culturas).

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In.: *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

BOTTOMORE, Tom; NISBET, Robert. Introdução. In.: *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.

BURAWOY, Michael. Por uma sociologia pública. *Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais*, n. 25 out. 2006, p. 9-50.

BUSINO, Giovanni (Dir.). *Autonomie et Autotransformation de la Société: la philosophie militante de Cornelius Castoriadis*. Tradução Marc Sagnol. Genève: Librairie Droz, 1989.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1994.

CASTORIADIS, Cornelius. *A sociedade burocrática I: as relações de produção na Rússia*. Porto, Edições Afrontamento, 1979.

_____. *A experiência do movimento operário*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. (Col. Rumos da Cultura Moderna. v. 52).

_____. *As encruzilhadas do labirinto*. Trad. Carmen Sylvia Guedes e Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *As encruzilhadas do labirinto III: O mundo fragmentado*. Trad. Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Encruzilhadas do labirinto IV: a ascensão da insignificância*. Trad. Carlos Correia de Oliveira. Lisboa: Bizâncio, 1998. (Coleção Torre de Babel).

_____. *Encruzilhadas do labirinto V: feito e a ser feito*. Trad. Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP& A, 1999.

_____. *Encruzilhadas do labirinto VI: figuras do pensável*. Trad. Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

_____. *Filosofia Política 3*. Trad. Albino Poli Junior. L&PM. UNICAMP-UFRGS, [198-?}. p. 51-88.

CHAUÍ, Marilena de S. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. p. 31-63.

COHN, Gabriel. Males privados, Sociologia Pública. O legado de Wright Mills. *Revista Brasileira de Sociologia*. v. I, n.01, Jan/Jul/2013.

CRISTIANO, Javier. Lo social como institución imaginaria. Castoriadis y la teoría sociológica. Villa María, Eduvim, 2012.

CURTIS, David Ames. Além da biografia e necrologia de Castoriadis disponíveis no site <http://www.agorainternational.org>, suas obras são disponíveis no seguinte site: <http://perso.wanadoo.fr/www.kaloskaisophos.org/rt/rtdac/rtdactf/rtdactf.html>

DAVID, Gérard. *Cornelius Castoriadis: le projet d'autonomie*. Paris, Éditions Michalon, 2000.

DAWE, Alan. Teorias de ação social. In.: BOTTOMORE, Tom; NISBET, Robert. *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980. Págs. 475-546.

ESCUADERO, Fernando P. Reflexiones sobre el concepto de antropología filosófica. *Revista El Guiniguada*, Unive. De Las Palmas de Gran Canaria, 1985.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998. 320 p.

HABERMAS, J. Excurso a Propósito de “A Instituição Imaginária” de C. Castoriadis. In.: *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Trad. Manuel José Simões Loureiro. Lisboa: Dom Quixote, 1990, p. 293-307.

HONNETH, Axel; JOAS, Hans. *Social action and human nature*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

JOAS, H. *La institucionalización como proceso creativo*. acerca de la filosofía política de Cornelius Castoriadis, en *El pragmatismo y la teoría de la sociedad*. Madrid: CIS, 1998.

KAMPER, Dietmar. Cosmo, Corpo, Cultura. Enciclopedia Antropologica. A cura di Christoph Wulf. Italia: Ed. Mondadori, 2002.

LAPOUJADE, María Noel. *Filosofía de la imaginación*. Madrid, Siglo XXI, 1988.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996.

LINDEN, Marcel van der. *Socialisme ou Barbarie: a French Revolutionary Group in Left History*, 5, 1 (1997), 7-37.

LUKÁCS, György; KOFLER, Leo. *La sociedad y el individuo*, en varios autores, Karl Marx 1818-1968, Internationes, Bonn, 1968.

MARKUS, György. *Marxismo y "antropología"*. México, Grijalbo, 1985.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo : Boitempo, 2013.

_____. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MIÉVILLE, China. Editorial Introduction. *Historical Materialism*, v. 10, n. 4, 2002.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

MONTEIRO, Pedro Meira. Cenas de leitura. *Revista Piauí*, ano 10, nº 111, dez.2015, p. 66-68.

NISBET, Robert. A sociologia como uma forma de arte. *Revista Plural; Sociologia, Usp*, São Paulo, 7: 111-130, 1º sem. de 2000.

_____. *La formación del pensamiento sociológico*. Buenos Aires, Amorroutu, 1969.

PEDROL, Xavier. La "antropología filosófica" de Castoriadis. In.: Cabrera, D. (coord.), *Fragmentos del caos: filosofía, sujeto y sociedad en Castoriadis*. Buenos Aires: Biblos, 2008.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

_____. *O conflito da cultura moderna e outros ensaios*. São Paulo: Editora Senac, 2013.

SOUZA, Jessé, ÖELZE, Berthold (Org.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 1998.

SUZUKI, Márcio. O gênio romântico: crítica e História da Filosofia em Friedrich Schlegel. São Paulo: Editora Iluminuras: FAPESP, 1998.

THOMPSON, E. P. Socialist Humanism: an Epistle to the Philistines. *The New reasoner: A quarterly journal of socialist humanism*, v. 1, n 1, Summer, 1957.

URSÚA, N. ¿Tendrá la “Convergencia de Tecnologías” (CT) y la “Mejora Técnica del Ser Humano” un impacto similar al darwinismo? implicaciones y consideraciones filosóficas, *Endoxa*, 2010, 24: 311-329.

VANDENBERGHE, Frédéric. Prefácio à edição brasileira: metateoria, Teoria social, Teoria sociológica. In.: *Uma História Filosófica da Sociologia Alemã: alienação e reificação*. Volume I: Marx, Simmel, Weber e Lukács. São Paulo, Annablume, 2012. p. 11-37.

_____. *As sociologias de Georg Simmel*. Tradução Marcos Roberto Flaminio Peres. Bauru, SP: Edusc; Belém: EDUPFA, 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.

World Transhumanist Association, 2010, The transhumanist declaration, <http://humanityplus.org/learn/philosophy/transhumanist-declaration>, consultado el 22 de febrero de 2010.